

olimpíada
DE LÍNGUA PORTUGUESA
Escrevendo o Futuro

Na Ponta do Lápis

ano V – número 12
dezembro de 2009

A hora e a vez do **Conto**

Em pequenas narrativas
cabem grandes histórias



Acompanha CD

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação

Sonia Madi

Texto e edição

Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Revisão

Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

Edição de arte

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração

AGWM Editora e Produções Editoriais

Fotos

Antonieta Rizzotti Oliveira
Eli Guimarães

CD

Leitores

Antonio Salvador
Isis Rezende
Melissa Maranhão
Moacir Ferraz

Direção

Isis Rezende

Sonorização

Isis Rezende e Luiz Ribeiro

Gravação, mixagem e masterização

Luiz Ribeiro Estúdio "Vôo Livre"

Tiragem

150 mil exemplares

Contato com a redação

Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010

Telefone: 0800-7719310

e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br

www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



Ministério
da Educação



Editorial

Ouvimos muito. Agora temos muito que contar.

Era uma tarde típica de outono. Paramos diante de uma casinha com fachada de pedras e um bonito jardim. Aos nossos olhos, ela lembrava uma dessas casas de contos de fada. Entramos. Por uma porta lateral chamamos pela dona da casa. Uma voz fina, rouca, suave – de avó – nos convidou a entrar. Ela vinha de uma sala pouco iluminada, no final de um pequeno corredor. Seguimos o chamado. Passamos ao lado de uma escada de madeira e vimos, no fundo da saleta, uma senhora sentada no que parecia ser uma cadeira de balanço. Tinha os óculos na ponta do nariz e um livro no colo. Esticou o pescoço e virou o rosto para nos ver. Os olhos eram vivos. Fez sinal para que entrássemos e sentássemos. Ia nos contar uma história, a sua própria história.

Pode parecer fantasia, mas foi assim que a equipe de *Na Ponta do Lápis* se encontrou com a escritora Tatiana Belinky, nossa entrevistada desta edição. Tatiana nos recebeu em sua casa e respondeu às perguntas como se contasse uma história. Ela é uma das mais queridas escritoras de histórias infantis do Brasil. A entrevista foi feita oportunamente para esta edição que vai tratar de contos, um gênero literário consagrado em todas as línguas.

Por isso também a revista não poderia deixar de trazer boas histórias, de autores renomados. São contos de Luis Fernando Veríssimo; Moacyr Scliar; Cora Coralina; do inesquecível Júlio César de Mello e Souza, o Malba Tahan; além de um conto do moçambicano Mia Couto, escrito em bom português de Moçambique. Completa a lista uma história dos Irmãos Grimm, os maiores divulgadores de contos clássicos infantis do folclore europeu.

Com essa variedade, queremos apresentar várias facetas desse gênero literário aos nossos leitores, sem deixar de lembrar que esta edição vem acompanhada de um CD que traz uma coletânea de contos para você ouvir com os alunos e enriquecer o trabalho em sala de aula.

Mais e novas ações

Se 2010 é ano de Olimpíada é importante dizer que 2009 foi o ano em que as equipes da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* realizou um grande número de ações de formação em todos os Estados brasileiros. As ações envolveram especialistas de quase 30 universidades públicas em todas as 27 unidades da federação, além de centenas de técnicos e professores das secretarias estaduais e municipais de Educação. Intenso trabalho conjunto, do qual participaram o Ministério da Educação, a Fundação Itaú Social e o Cenpec, para incluir mais escolas, professores e estudantes nas atividades da Olimpíada. Essas ações levaram ainda mais qualidade ao trabalho das escolas públicas do país.

E, para colaborar com todo esse processo, nós de *Na Ponta do Lápis* queremos conhecer a opinião de todos os professores que participam da Olimpíada. Encartada nesta revista há uma carta-resposta que, depois de preenchida, deve ser postada no correio. Não é preciso pagar nada, o envio é gratuito. Para nós, é uma grande oportunidade de manter uma comunicação mais direta com você, educador, razão de ser desse grande projeto.

Boa leitura e bom trabalho!

Sumário

2

ENTREVISTA

Tatiana Belinky

6

REPORTAGEM

O tempo não para

8

ESPECIAL

O conto se apresenta

10

PÁGINA LITERÁRIA

O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial

12

TIRANDO DE LETRA

Experiência proveitosa

14

DE OLHO NA PRÁTICA

De conto em conto

30

ÓCULOS DE LEITURA

Contos para “repassar” o tempo



Tatiana Belinky recebeu *Na Ponta do Lápis* na casa em que vive há mais de cinquenta anos, no bairro do Pacaembu, em São Paulo. Sem esperar a primeira pergunta, abriu seu baú de histórias. Desde os 10 anos no Brasil, essa brasileira nascida na Rússia há noventa anos falou de sua relação com a palavra, com a escrita, com o aprender, com as crianças, com os idiomas – ela fala seis – e, lógico, com as histórias. A escritora foi respondendo às perguntas como quem narra uma história, deixando os entrevistadores a imaginar paisagens da Letônia, do Rio de Janeiro e de São Paulo de oitenta anos atrás. Sem falar das brincadeiras, jogos de palavras e outros encantamentos também presentes nos livros que ela escreveu ou traduziu. Conheça então um pouco da vida e das opiniões de uma das mais queridas autoras de histórias infantis do país.

Tantas palavras, tantas histórias...

Luiz Henrique Gurgel

Como foi sua chegada ao Brasil?

Tatiana – Nasci em Petrogrado, atual São Petesburgo, na Rússia, em 18 de março de 1919. Meus pais eram da Letônia, filhos de gente abastada. Meus avôs eram madeireiros, exportavam pinho-de-riga, madeira vendida para o mundo inteiro. Mas, em 1929, as dificuldades econômicas e políticas se agravaram e a minha família resolveu emigrar. Viemos para o Brasil sem nada. Minha mãe era cirurgiã-dentista e veio com seus instrumentos para trabalhar. Eu trazia um livro e uma correntinha de ouro com uma medalhinha de Moisés barbudo, que eu pensava ser meu avô. O livro era de contos do grande escritor [Ivan] Turguenov. Tenho esse livro até hoje, está se desmanchando.

A primeira paixão, no Brasil, veio antes de o navio entrar no porto. Foi a visão panorâmica do Rio de Janeiro: Copacabana, Pão de Açúcar, não havia a estátua [do Cristo Redentor]. Tudo natural, lindo! Eu conhecia o mar Báltico [na Letônia], bonito, com suas dunas e pinheirais. Mas o Rio de Janeiro era completamente diferente, de cair o queixo. Ficamos uma semana, depois voltamos para o navio, que seguiu até Santos, onde pegamos o trem montanha acima, passando por túneis, que eu nunca tinha visto. Chegamos a São Paulo. Aqui havia pontes que não tinham água embaixo, eu achava muito estranho. Onde morávamos, em Riga [capital da Letônia], da nossa janela víamos o rio por onde saía o pinho-de-riga, nas barcas. Havia rios grandes e pontes. E aqui tinha pontes que não tinham água embaixo. Era o Viaduto do Chá, todo iluminado à noite. Em certa época do ano as mariposas

eram atraídas para aquela iluminação, queimavam e atapetavam o chão. A gente pisava, eu me recordo, até crepitava. Imagine, para uma criança, como tudo isso foi curioso, inesquecível.

E os livros? Sempre estiveram presentes em sua vida?

Tatiana – Na minha casa todo mundo lia. Nunca vi meu avô e minha avó sem livro na mão. Jamais me vi sem livros. Aos 4 anos eu já sabia ler, primeiro em russo, depois em alemão. Meu pai lia e contava histórias, me oferecia cubos de letras. Brinquei muito com eles e logo comecei a perguntar: “O que é isso?”. Meu pai dizia: “B, A, juntando dá BA”. Era fascinante. Comecei a ler cedo. Lia todos os meus livros. Logo comecei a escrever também. Mas era canhota e espelhava as letras que eu conhecia, automaticamente. E meu pai nunca disse: “Não pode!”. Ele só disse para tentar com a outra mão. E eu tentei. Assim fiquei ambidestra. Mas escrevo com a direita até hoje, com a letra igual àquela da infância. As editoras aceitam meu manuscrito. Elas têm digitadores, sabem ler o que escrevo, e se não entendem alguma coisa me telefonam perguntando.

E o encantamento com a leitura?

Tatiana – Desde criança meus pais me proporcionaram muito palco, muito teatro, muitos livros, muita poesia. Era leitura, ópera, balé, opereta, concerto de música, orquestras. Então eu já tinha uma bagagem muito importante para a leitura: a estética, a ética, o humor, a poesia.

Como disse aquele professor de literatura francês, Daniel Pennac: “O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar...” (Pennac, *Como um romance*, 1996, p. 11). Há coisas que não se manda fazer, elas acontecem. Leitura não é tarefa, castigo. A leitura tem que ser prazer. Nos dez direitos do leitor, Pennac afirma que ele tem o direito de não ler se não quiser; de ler de trás para diante; de começar do meio, e por aí vai. O leitor é livre. Você lê para você mesmo, para seu divertimento, para sua emoção, não tem obrigação de coisa nenhuma. Você começa a ler e vai logo perceber que é bom. Uma história bem contada pode fazer alguém chorar, rir, prender o leitor.



“Jamais me vi sem livros. Aos 4 anos eu já sabia ler, primeiro em russo, depois em alemão. Meu pai lia e contava histórias, me oferecia cubos de letras.”

E como foi seu contato com a língua portuguesa?

Tatiana – A minha infância terminou em São Paulo. Quando cheguei aqui já era mocinha, pré-adolescente, e eu falava três línguas: o russo, o alemão e o letão. O português é a minha quarta língua. Aqui aprendi português e logo depois o inglês e o francês, na escola. E quem já fala três línguas pega de letra, de ouvido, se adapta logo e não tem medo, nem bloqueio para a coisa. Não acha que é difícil falar outra língua.

Logo comecei a ler. Por estranho que pareça, o primeiro texto em português que caiu na minha mão foi de Monteiro Lobato. E eu nem sabia quem era, nem sabia que existia. Não era um livro. Era um folheto do Laboratório Fontoura sobre um medicamento. Monteiro Lobato escreveu um conto sobre aquele caipira, o Jeca Tatuzinho, que ficava doente porque

andava descalço. Era uma história muito engraçada. O caipira, o Jeca Tatuzinho, ficou tão convencido do problema que até nas galinhas ele punha botina. E quando fui para a televisão fiz a adaptação desse conto. Nessa história a galinha andava de botina.

E depois do folheto do laboratório?

Tatiana – Aí foi um livro atrás do outro, na biblioteca. A primeira escola que frequentei aqui era alemã. Meus pais achavam que era bom, eu sabia alemão, não ia perder a língua, e seria mais fácil antes de aprender o português. Eu gostei da biblioteca da escola. Li bons romances, poesia. Mas não gostei da escola. Eles batiam nas crianças, davam tapa.

Que negócio de dar tapa na cara de criança quando fazia alguma coisa que não devia? E meu irmãozinho, três anos mais novo que eu, estava aprendendo, era a primeira escola dele. E não sei o que ele fez de errado, algum pecado do tipo escrever com lápis em vez de tinta, qualquer coisa assim, e a professora o chamou e deu-lhe um tapa. No recreio, ele me contou, chorando. Eu disse: “Ah, ela fez? Amanhã nós não estaremos aqui. Espera a próxima aula, você pega as suas coisas, nós vamos para casa e não voltamos mais”. Dito e feito. Conte para o meu pai e para a minha mãe, que ficaram de cabelo em pé. Eles nunca levanta-

vam a mão para a gente. A voz, sim, porque a minha mãe tinha uma voz poderosa, mas meu pai era todo suave. Não voltamos no dia seguinte e logo depois fomos parar na escola americana, no Mackenzie, que era um paraíso perto da outra. A primeira coisa que eu fiz quando cheguei lá foi correr para a biblioteca. Era enorme, um prédio de três andares. Entrei, escolhi dois livros para ler em casa. A bibliotecária não deixou: “Não são livros de criança”. Eu era criança, mas um tipo de criança que lê. “Isso não é bom para você, é impróprio!” Aí eu disse: “Se é impróprio, como é que está numa escola?”. “Não é para menina”, ela respondeu. “Ah, tem livro de menino e de menina? Isso eu não sabia.” E eu só pude tirar livros de outra estante. Peguei outros, levei para casa e odiei: eram muito bobos, muito primários para mim. Em casa me queixei ao meu pai. Ele era o meu confidente: “Fui

obrigada a tirar livro numa estante de bobagens, o que eu faço?”. Meu papai disse: “Você não faz, faço eu”. Sentou-se e escreveu, em perfeito português, um bilhete para a bibliotecária e para a diretora: “Minha filha, Tatiana, está autorizada a escolher e levar qualquer livro da biblioteca que ela queira”. Foi um escândalo: “Como deixa a menina pegar livros impróprios?”. A última palavra foi do pai, ninguém subestimou. Aprendi português assim. Estou falando a língua desde 1929.



“A criança quer aprender o mundo. Com ouvidos, olhos, mãos, com tudo. Aprender, aprender, aprender. Ela não quer ficar decorando. Isso é horrível.”

A senhora tem dito que aprender é emocionante. O que isso significa?

Tatiana – Uma vez, há muitos anos, uma grande professora de literatura da Universidade de São Paulo, Nelly Novaes Coelho, numa palestra que eu estava fazendo, me perguntou: “Tatiana, por que você acha que as crianças não gostam de estudar?”. Eu disse: “Porque elas não querem estudar, elas querem aprender, que é uma coisa muito diferente”. Não é estudando que você aprende. A criança quer aprender o mundo. Com ouvidos, olhos, mãos, com tudo. Aprender, aprender, aprender. Ela não quer ficar decorando. Isso é horrível.

Eu vou contar uma historinha: “Quando meu neto mais velho tinha 4 anos – hoje tem 44 –, eu dei de presente a ele uns cubinhos com letras, como o meu pai deu para mim. Pensei, vamos ver o que é que ele faz. Eu não disse nada, apenas ofereci o brinquedo. No terceiro dia ele já estava perguntando o que era *ba*, *be*, *bu*. Logo ele estava formando palavrinhas: *babá*, *nenê*, *papa*, *titia*. Coisas simples. Depois de um mês, mais ou menos, eu fui fazer um teste.



No tapete eu formei uma palavra grande com aqueles cubinhos. Várias sílabas, uma palavra comprida: *Tatiana*. “Roninho, você consegue ler esta palavra?” Eu não disse que era meu nome. Ele olhou a palavra, olhou para mim, apontou com o dedinho e leu: *vovó*.

Como nascem suas histórias?

Tatiana – As crianças perguntam de onde tiro inspiração para tantas histórias e versinhos. Eu digo: “Olha, inspiração eu tiro do ar [Tatiana inspira e solta o ar pelo nariz]. Porém, as ideias para escrever e contar alguma coisa, eu tiro só olhando para vocês.” Eu já tenho várias histórias na cabeça. Eu tenho um livro chamado *Diversidade*, que as crianças gostam muito, é todo em versinhos: “Um, preguiçoso/Outro, animado/Um é falante/Outro é calado/Olho redondo/Olho puxado/ Nariz pontudo/Ou arrebitado”. Fala das diferenças, cabelo loiro, cabelo escuro, cabelo crespo, cabelo liso, nariz arrebitado, nariz achatado. Enfim, todas as diferenças. E no final eu dou a moral da história: tudo é bonito e diferente.

Eu invento algumas coisas, mas, principalmente, eu observo muito. Em noventa anos acumulei muito assunto e tenho boa memória. Qualquer coisa me lembra outra. Então, não fico aí procurando palavras no bolso. Estão prontas, rápidas. Eu funciono assim. Eu penso depressa, falo depressa, leio depressa, reajo depressa.

Em 1952, a senhora e seu marido, Júlio Gouveia, fizeram a primeira adaptação para a televisão da obra de Monteiro Lobato. Como foi essa experiência?

Tatiana – Juntou a fome com a vontade de comer. Eu e Júlio gostávamos das mesmas coisas – teatro, música – e ele era admirador de Monteiro Lobato, como eu. Costumo dizer que nosso casamento foi a união de duas estantes: a dele com a minha. Ele também lia muito. Era poeta. Escrevia muito bem. Era feliz! Então tínhamos muito que conversar. E nosso namoro foi rápido. Comecei a me envolver com o Júlio, que era médico, psiquiatra e educador, e nos casamos em 1940. Monteiro Lobato não chegou a ver o nosso trabalho. Ele morreu em 1948. Antes, nós o conhecemos oficialmente. Estivemos na casa dele, ele esteve na nossa

casa. Quem nos deu a autorização para adaptar a obra dele para a televisão – que era uma novidade – foi a dona Purezinha, a viúva, que nos conhecia, sabia quem éramos. Tentamos e deu certo. *O Sítio do Picapau Amarelo*, com minha adaptação e realização do Júlio, ficou doze anos no ar, sem interrupção. Era ao vivo, como teatro mesmo, transmitido pela televisão com três câmeras. Tinha afastamento, aproximação, recurso de cinema. Dava para fazer coisas que não eram possíveis no palco. Agora dá para fazer qualquer coisa.

Como os livros podem concorrer com a TV, a internet, o videogame?

Tatiana – Tudo concorre e não concorre. É preciso dar oportunidade para as crianças porque tem lugar para tudo. Sempre chegam coisas novas, porque coisas boas não acontecem somente hoje. Eu li um artigo que dizia que a televisão atrapalhava um pouco, mas a internet não, já que lá as crianças escrevem e leem. Podem até escrever errado, mas escrevem e leem. Também vale lembrar que nem todos são iguais e gostam das mesmas coisas. Na mesma casa nós éramos três irmãos muito diferentes um do outro. Aliás, um dos meus filhos, quando tinha 8 anos, perguntou: “Você acha justo e democrático” – com essas palavras – “tratar de modo igual filhos que não são iguais?”.



“Quando tenho uma ideia, escrevo como se escrevesse uma carta, um conto. Falo, as coisas vêm fluindo sozinhas e a mão escreve.”

Quando cria suas histórias a senhora reescreve muito o texto?

Tatiana – Eu escrevo espontaneamente. Quando tenho uma ideia, escrevo como se escrevesse uma carta, um conto. Falo, as coisas vêm

fluindo sozinhas e a mão escreve. Aí guardo o texto na gaveta para pegar dali a uma semana. Então leio o que escrevi, vejo se acho bom, faço mudanças. Como diz o escritor russo Tchekhov, o texto, o teatro não se escreve, se reescreve. Sempre pode melhorar ou cortar. Eu guardo e releio. Ao reler, posso dizer isso com menos palavras, de um jeito melhor, mais compreensivo. Assim faço a minha apreciação. Então vou ao meu primeiro crítico, antigamente era o meu marido e ele não dava mole. Se não gostava, dizia: “Eu não gostei disso, está demais, mas isso não está certo, não concordo”. Eu dizia: “Se você não concorda, vamos discutir”.

Hoje, meu crítico número 1 é meu filho Ricardo. Ele é escritor, tradutor e editor. Ele também não brinca em serviço. Se gosta, gosta; se não gosta, fala, corrige. Quando eu acho que está mais ou menos no ponto, maduro, mando para meu editor e espero.

Nossos leitores são professores de escolas públicas. Trabalham com crianças e jovens o ensino da leitura e da escrita. Que recomendações a senhora pode dar a esses educadores?

Tatiana – Diria: quer escrever? Isso eu falo também para as crianças que me perguntam como fazer para ser um escritor. Para começar, tem que aprender a escrever fluente. O impor-

tante é abrir os olhos, os ouvidos; sentir cheiro, prestar atenção em tudo. Não olhar para as coisas sem enxergá-las. Porque é isso que acontece com as pessoas: ouvem alguma coisa e não escutam nada. Ouvir e escutar, ver e enxergar são coisas diferentes. Tem que saber a diferença no sentido das palavras e absorver tudo em volta. Absorver e observar. Olha como dá para brincar com palavras, estou sempre brincando. É preciso prestar muita atenção, ser curioso, pensar no que você viu. A vida é tão instigante, o cotidiano, o que acontece à sua volta todos os dias. Tudo é interessante! Se você prestar atenção, usar a sua cabeça, ouvidos, olhos, dá até para um dia abrir a boca

e botar no trombone, se for preciso. Escrever é falar por escrito. Desenvolver o estilo vem mais tarde. De tanto ler você aprende quanta coisa pode fazer com sua majestade a palavra; sem ela, a gente não é gente.



O TEMPO NÃO PARA

Em 2009 milhares de professores passaram pelos cursos de formação que antecedem a 2ª Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Luiz Henrique Gurgel

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* é realizada a cada dois anos. A próxima será agora em 2010. Mas não é por isso que entre um ano e outro as ações com os professores param. Pelo contrário, em 2009 ocorreram atividades de formação em vários meses do ano. Elas envolveram professores, educadores e técnicos das secretarias municipais e estaduais de Educação. Durante encontros presenciais ou virtuais – por meio da Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*, na internet (escrevendo.cenpec.org.br) –, milhares de professores nas 27 unidades da federação participaram de cursos de formação. “Sempre reafirmamos que o concurso é uma estratégia. Nosso objetivo é a formação e a qualificação dos professores”, afirma Sonia Madi, coordenadora pedagógica da Olimpíada.

A primeira ação do ano ocorreu em abril. Mais de cinquenta especialistas, entre técnicos de secretarias estaduais de Educação e professores de universidades públicas de todo o Brasil, participaram de um seminário em São Paulo, promovido pela Fundação Itaú Social e pelo Cenpec. Além das discussões sobre a

formação dos professores, os participantes puderam conhecer, avaliar e debater os materiais didáticos utilizados. Também participaram da palestra “O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais: teoria e prática”, ministrada por Anna Rachel Machado, professora doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, que desenvolve pesquisa sobre ensino de língua pela perspectiva de gêneros em associação com a Universidade de Genebra, na Suíça.

Formação atinge todo o país

O principal objetivo do seminário foi preparar os participantes para realizarem no segundo semestre, em seus Estados, encontros de formação presencial para técnicos multiplicadores, com 40 horas de duração. Todos os docentes são pesquisadores e professores de universidades públicas locais, especialistas em ensino e aprendizagem de gêneros textuais e formação de professores. Para Erineu Foerste, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito



Santo, responsável pelos cursos de formação em seu Estado, a Olimpíada é “uma possibilidade concreta de aproximar diferentes instituições interessadas na formação de professores”. Ainda segundo ele, “a formação do professor não prescinde do papel da universidade, mas também é preciso valorizar os saberes e as práticas produzidos na escola”.

Quando todos os encontros presenciais tiverem sido realizados, 1.592 técnicos estarão capacitados e serão os responsáveis pela multiplicação da formação nos municípios. Todo o processo funciona em rede, criando ramificações cuja meta é atingir 34,5 mil escolas do Brasil. Cada técnico recebeu uma “Maleta do formador” com os materiais de trabalho. Cada escola que realizar o processo de formação recebe a mesma maleta. “Esse conjunto de ações visa construir uma rede que estrutura a Olimpíada, disseminando a concepção adotada, que é trabalhar a língua por meio dos gêneros textuais e sequências didáticas”, afirma Ana Guedes, coordenadora da Formação Presencial. Outro dado importante é que todo o trabalho pode ser acompanhado de perto por meio de relatórios dos formadores disponibilizados no *site* específico da formação.

Para Sonia Madi, esse trabalho é importante porque envolve especialistas que conhecem as realidades de seus Estados. “São pessoas que conhecem a teoria e ao mesmo tempo atuam na prática, junto com os professores. Além disso, teremos a possibilidade de reavaliar nossos materiais com os relatórios e as propostas trazidas pelos representantes de todos os Estados do país”.

Comunidade Virtual multiplica as ações

Outra frente de formação a Comunidade Virtual da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* abriu cursos no segundo semestre de 2009 com 3 mil vagas para educadores das secretarias de Educação. Os cursos são ministrados por 50 mediadores qualificados no ensino de língua e habilitados para atuar na formação a distância. Tratam dos gêneros artigo de opinião, memórias literárias e poema. A expectativa é que os educadores que concluírem o curso também possam atuar como multiplicadores nas escolas. A meta é atingir 9 mil professores no final do processo.

Heloísa Amaral, coordenadora da Comunidade Virtual, afirma que participar dos cursos possibilita conhecer outros espaços virtuais. “Além da formação focada na perspectiva dos gêneros textuais, os participantes têm a oportunidade de ampliar seu letramento virtual. Eles vão praticar a leitura hipertextual típica da internet e aprenderão a utilizar melhor essa ferramenta”, explica. A Comunidade oferece *links* para artigos e entrevistas de renomados estudiosos da área.

Participando dos cursos, o professor fica automaticamente inscrito na Comunidade <www.escrevendo.cenpec.org.br> e pode utilizar e acessar todos os seus recursos e seções, além de conhecer e trocar informações com professores de todas as partes do Brasil. A Comunidade Virtual já tem mais de 20 mil inscritos, com uma média de 22 mil acessos por mês.

O CONTO SE APRESENTA

Moacyr Scliar

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles tem medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

— Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo a distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.

É neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia e muito boa. A inspiração



não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido:

— Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

— Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com as histórias.

E eu vou em frente. Procuo uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

— Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.

Era uma vez um conto. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 5-9. Coleção Literatura em minha casa.

Moacyr Jaime Scliar [Porto Alegre (RS), 1937]. Romancista, cronista, contista e autor de livros infantis e juvenis. Em 1962, formou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, especializando-se em saúde pública, e lançou *Histórias de um médico em formação*. Publicou, em 1968, o que considera seu primeiro livro, *O carnaval dos animais*, de contos, e quatro anos depois estreou no romance com *A guerra no bom fim*. Desde 1972 colabora intensamente em jornais e revistas brasileiros, com contos, crônicas e ensaios. Tem mais de setenta livros publicados nos mais diversos gêneros, trabalhos que o levaram, em 2003, a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Sua obra tem raízes no questionamento da tradição judaico-cristã e passeia pelas fábulas e pelo imaginário fantástico.

O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial*

Mia Couto

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Mas, eu, velho e sozinho, o que posso fazer? Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos meus pais.

Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclaviculado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra** do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-me no passeio, tenho meu lugar cativo lá. Junto comigo se sentam esses mendigos que todas sextas-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos muçulmanos. Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana. Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil.

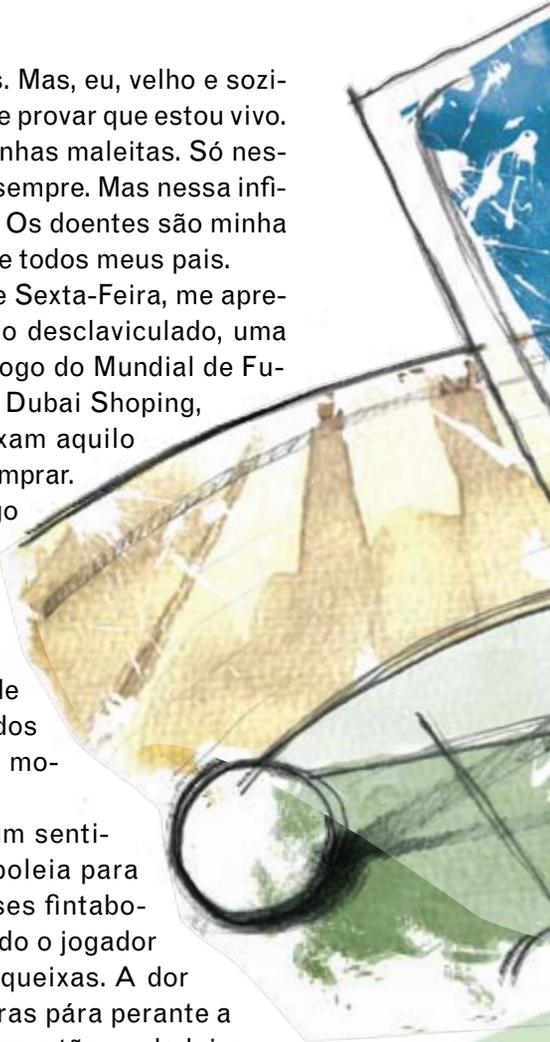
É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e noutros continentes.

Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?

Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo. Vou directo no assunto do meu ombro. Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios. Que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho de pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-Feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer não, se for um pedido vindo de si, doutor.

* Neste conto optou-se por manter a grafia do português de Moçambique.

** Montra: substantivo feminino, mostruário de casa comercial, vitrina, mostrador. Regionalismo: Portugal.





Pois eu, conforme se vê, vim ao hospital não por artimanha, mas por desgraça real. O doutor me olha, desconfiado, enquanto me vai espreitando os traumatombos. Contrariado, ele lá me coloca sob o olho de uma máquina radiográfica. Até me atrapalho com tanta deferência. Até hoje, só a polícia me fotografou. Se eu soubesse até me tinha preparado, doutor, escovado a dentuça e penteado a piolheira.

Quando me mostram a chapa, porém, me assalta a vergonha de revelar as minhas pobres e desprevenidas intimidades ósseas. Quase eu grito: esconda isso, doutor, não me exhiba assim às vistas públicas. Até porque me passa pela cabeça um desconfio: aqueles interiores não eram os meus. E o doutor não fique espinhado! Mas aquilo não são ossos: são ossadas. Eu não posso estar assim tão cheio de esqueleto. Aquela fotografia é de chamar saliva a hienas. Sem ofensa, doutor, mas eu peço que se deite fogo nessa película. E me deixe assim, nem vale a pena enrolar-me as ligaduras, aplicar-me as pomadas. Porque eu já vou indo, com as pressas. Não esqueça, por favor. Foi por esse pedido que eu vim. Não foi pelo ferimento.

E logo me desando, já as ruas deságuam. Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Veja bem: tinham-me guardado o lugar em meu respeito. Isso me comove. Afinal, o doutor sempre telefonou, sempre se lembrou do meu pobre pedido. Ainda há gente neste mundo!

Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra.

Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?

O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.

Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.

O fio das missangas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 81-84.

António Emílio Leite Couto, Mia Couto, biólogo, professor universitário e escritor, nasceu na Cidade da Beira, em Moçambique, em 1955. Atualmente, dedica-se a estudos de impacto ambiental. É considerado um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos de língua portuguesa. Vencedor de vários prêmios, tem sua obra traduzida em alemão, castelhano, francês, inglês, italiano, norueguês e sueco. A escrita tem sido uma paixão constante, desde a poesia, na qual estreou em 1983, com “A raiz de orvalho”, até a escrita jornalística e a prosa de ficção.

EXPERIÊNCIA PROVEITOSA

A boa surpresa de estudantes da região de Limeira (SP) com a Olimpíada. Mais que a possibilidade de “testarem” seus conhecimentos, perceberam que o trabalho desenvolvido trouxe o sentimento de poder refletir e agir sobre suas comunidades por meio da palavra escrita.

Flaviana Fagotti Bonifácio

Quando nos inscrevemos na Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, não tínhamos a mais vaga ideia sobre o programa: como as coisas iam acontecer e como o trabalho seria conduzido. Mas pensávamos que deveríamos aceitar o desafio, pois não poderíamos ficar de fora dessa jornada, e assim procedemos.

Ao verem a propaganda da Olimpíada na televisão, os alunos curiosos vieram nos consultar e manifestaram o desejo de participar, pois já o fazem na Olimpíada de Matemática e Física. Esses estudantes almejam uma vaga na universidade ou no mercado de trabalho e veem nesse desafio uma chance de se autoavaliarem.

No entanto, foi uma surpresa muito grande quando recebemos o material. Não havia perguntas sobre conteúdos da língua portuguesa – como chegamos a imaginar –, mas tratava-se de um consistente trabalho de leitura e produção de textos. O objetivo era levar o aluno a ler, discutir, debater, formar e expor seu ponto de vista, utilizando o gênero textual artigo de opinião.

Chegamos a pensar que talvez não fosse possível cumprir todas as etapas do programa no nosso apertado calendário escolar, com uma grade de apenas quatro aulas semanais de língua portuguesa. Entretanto, a oportunidade de desenvolver a competência leitora e o poder de argumentação vinha ao encontro de muitos dos nossos objetivos no projeto pedagógico da escola.

Desde a primeira oficina lemos e conversamos muito sobre o material lido. Discutimos a finalidade dos textos, os temas abordados e a questão da autoria. Naquele momento, penso que eles não viam a possibilidade de escrever um texto bem articulado, coerente e consistente nas argumentações. Sei disso porque muitos se surpreenderam ao ler o texto da aluna Joice Zilli da Silva, publicado no caderno de

atividades, em que ela abordava a polêmica instalação de uma mina de carvão em sua doce lçara. Um aluno disse: “Ela está no Ensino Fundamental e escreve assim? Imagine quando estiver no Ensino Médio! Eu não conseguiria escrever o que ela escreveu”. E, de novo, conversamos. Tive de mostrar ao grupo que um texto simplesmente não surge assim num passe de mágica. Há ali trabalho sistematizado: leitura, pesquisa, escrita, revisão e muita reescrita. Compreender isso é também parte do processo ensino-aprendizagem.

Ficou claro, desde as primeiras atividades, que a maior dificuldade para os alunos era construir uma argumentação consistente e válida. Ao ler os textos de opinião, conseguiam identificar os argumentos apresentados pelos autores. Também sabiam falar sobre a situação de produção, o objetivo do texto, o público leitor. Porém, quando tinham que assumir posições favoráveis ou contrárias sobre uma questão polêmica – mesmo que oralmente –, esbarravam na dificuldade de sustentar o ponto de vista. Nesse sentido, as atividades sugeridas nas oficinas que tinham por objetivo construir argumentos, antever argumentos contrários e conhecer e usar expressões que articulam o artigo de opinião foram fundamentais. Foi a melhor parte do trabalho.

Desenvolvemos com afincado cada etapa até chegar a hora de decidirmos a questão polêmica para o artigo de opinião. Como nossa escola recebe alunos de várias cidades da região, surgiram questões específicas de um ou de outro município. Diante de interesses tão distintos, resolvi agrupá-los por cidades e situações polêmicas. Solicitei que trouxessem material de pesquisa para compartilhar e discutir com os demais membros do grupo. Houve divergência e muito debate até chegar a uma posição consistente. Só depois disso passaram à produção do texto individualmente.



Ao final, não posso dizer que recebi duzentos e tantos textos exemplares das seis classes com as quais trabalhei, nem tive essa expectativa. Mas posso assegurar que recebi textos de todos os alunos e que houve avanço para muitos deles. Com propriedade, apontaram o crescimento da cidade de Limeira com a vinda das empresas de joias folheadas, mas criticaram o despejo de substâncias químicas e metais pesados na rede de esgoto e mananciais do município. Mostraram a excelência do atendimento nos hospitais públicos de Paulínia, apontando, por outro lado, os problemas de superlotação que enfrentam com a vinda de pessoas de outras cidades que não podem contar com os mesmos serviços onde moram. Alertaram para a contaminação do ribeirão Pirai, em Salto, decorrente da ocupação desordenada das áreas próximas ao local. Falaram da nova rodoviária de Campinas e dos problemas advindos com o abandono da antiga estação; posicionaram-se em relação aos males das queimadas da palha de cana-de-açúcar e o conseqüente desemprego causado pela futura mecanização das colheitas em

Veja trechos do texto "Recolhendo as cinzas", de Ricardo Vilhar Peretti, de Cosmópolis (SP), aluno da professora Flaviana Fagotti Bonifácio, do Colégio Técnico de Limeira.

[...] A cidade, que conta com alguns pontos comerciais e poucas indústrias, tem boa parte de sua renda ligada à produção e exportação do açúcar proveniente da cana, atividade desenvolvida pela usina local e que movimenta grandes quantias de dinheiro.

[...] Os defensores das queimadas alegam que essa prática facilita o trabalho de corte para os boias-frias, aumentando a produtividade e conseqüentemente a remuneração desses trabalhadores. Além disso, a falta de condição dos pequenos agricultores cosmopolenses impossibilita a compra de equipamentos sofisticados que dispensam o uso de fogo.

[...] Só as vantagens ambientais já são suficientes para demonstrar a necessidade do fim das queimadas. Entretanto, existe um aspecto social em jogo. O que fazer com os boias-frias desempregados pela mecanização das plantações? É a partir desse entrave que os governantes devem mostrar competência, recolocando-os gradativamente em empregos formais, com carteira assinada e direito à aposentadoria, algo que eles atualmente não possuem.

idades da região. Desdobraram-se, enfim, em tantas outras questões polêmicas relevantes.

Ao relatar essas experiências, tentando avaliá-las melhor, creio que vários fatores influenciaram no sucesso da aprendizagem: estrutura, organização adequada, clareza dos objetivos, material de qualidade, a boa vontade de todos os envolvidos, sobretudo dos próprios alunos.

Em tempo de descrédito à educação, é preciso reconhecer momentos como esses, de parcerias, de esforço, de construção e de crescimento.

Esta foi, sim, uma experiência enriquecedora, e o saldo mais positivo é o que fica para os alunos: o sentimento de que eles devem tomar partido nas questões que diretamente os afetam; de que eles podem agir localmente e que conseguem influenciar outras

pessoas a fazê-lo também, promovendo mudanças sociais, utilizando para isso a linguagem argumentativa dos artigos de opinião.

Flaviana Fagotti Bonifácio é professora do Colégio Técnico de Limeira (SP), semifinalista da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* de 2008.

“Porque todo mundo gosta de história e de poesia. Não há sociedade sem narrativa. O homem é um animal narrativo. Homo narrador. Todo mundo quer ouvir histórias. Contamos histórias desde o amanhecer até a hora de dormir. Senta num táxi, história; entra em um ônibus, história; vai para a escola, história; dá uma topada, história; briga com o namorado, história. Todas as situações da vida propiciam acontecimentos narráveis e vivemos desse entrelaçamento de narrativas.”

David Arriguci Jr. (Entrevista para a revista de cultura da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo.)

DE CONTO EM CONTO

Guardamos na memória heróis, vilões, objetos mágicos e forças sobrenaturais que povoavam contos maravilhosos, de aventura, de mistério, lidos e ouvidos ao longo da vida. Os contos fazem pensar, intrigam, trazem descobertas, provocam susto, riso, encantamento.

Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.

José Moraes. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1996, p. 12.

Cabe à escola o papel de aproximar crianças e jovens de boas obras literárias, ampliando suas experiências de letramento. Por essa razão, sugerimos algumas atividades que trabalham principalmente as habilidades de leitura e de oralidade. Você, professor, pode adequá-las às capacidades e interesses de seus alunos para que eles possam interagir e apropriar o sentido do texto.

Organize o acervo de livros de contos

Selecione no acervo da escola bons livros de contos. Escolha um espaço atraente para organizar os livros em sala de aula. Disponibilize-os em caixas, pastas, estantes coloridas, varais, sacolas transparentes, identificando-os com etiquetas – por autor, obra ou gênero textual – para facilitar o acesso e atrair a atenção dos alunos. Se possível, troque quinzenalmente o acervo para manter vivo o interesse pela leitura. Incentive o empréstimo de livros na rotina semanal. Monte um painel

com dicas de leitura: resenhas que apresentam autores e obras. Convide os alunos a deixar registradas no mural as indicações e comentários sobre os livros lidos.

Aproveite a ocasião para ampliar a experiência de leitura da turma. Faça uma visita monitorada à biblioteca da escola ou da cidade; percorra suas dependências, explique aos alunos a forma como os livros estão catalogados, dispostos nas estantes, e como eles podem inscrever-se para retirá-los e lê-los em casa.

Quem quiser que conte outro

Prepare a leitura ou a audição de um conto

Escolha um conto adequado à faixa etária de seus alunos, que possa envolvê-los, despertando o interesse pela leitura. O primeiro passo é estudar o texto, recolhendo informações que apontam como essa história pode ser lida ou contada. Você pode utilizar o CD encartado nesta revista e apreciar a leitura em voz alta. Se você escolher uma história de

medo, por exemplo, pode escurecer a sala e acender uma vela ou uma lamparina. Se for ler um conto maravilhoso, pode pendurar lenços, cangas e panos pela sala, de modo que o espaço lembre uma tenda. Um baú, uma máscara, uma foto, uma música podem suscitar mistério. Esses recursos externos devem dialogar, estar a serviço da história.

Dentro do conto tem...

Investigue o que os alunos já sabem sobre conto

Converse com os alunos sobre o significado da palavra “conto”. Esclareça que o conto (do latim *contare* = falar) é uma narrativa breve de um fato real ou fantasioso, desenrola-se com poucas personagens, apresenta apenas um drama, tem espaço e tempo restritos, privilegia o diálogo e possui uma linguagem objetiva.

Diga-lhes ainda que por meio da leitura do conto podem-se descobrir outros lugares, outros tempos, outras formas de agir e ser, outra ética.

Para facilitar a interação, organize os alunos em círculo. Instigue-os com algumas questões que possibilitem mapear o que eles já sabem sobre contos. Quais contos costumavam ouvir quando eram pequenos? De quais ainda se lembram para recontar aos colegas? Há algum conto marcante? Qual o nome do autor? Quem são as personagens principais? Onde e quando os episódios se sucedem? Como é a trama? Há conflito? O professor anota na lousa ou em uma folha de papel pardo os comentários dos alunos. Por exemplo:

Título do conto	Autor	Personagens	Espaço	Trama
O patinho feio	Hans Christian Andersen			
O peru de Natal	Mário de Andrade			
A revolta das palavras	José Paulo Paes			
Um apólogo	Machado de Assis			

Esse quadro de registro – além de documentar a proximidade, ou não, dos alunos com o gênero – permite ao professor fortalecer a conversa sobre os recursos narrativos – escolha de linguagem, estrutura e elementos que o autor usa para envolver o leitor na trama, tornando o conto inesquecível. Podem também, caracterizar as personagens de cada conto, comparar os conflitos, analisar os diferentes ambientes, os períodos em que as ações ocorrem, o foco narrativo.

Um conto puxa...

Incentive o gosto pela leitura

Prepare o grupo para a leitura do conto. Crie um espaço aconchegante, propício para essa aprendizagem. Ambiente pronto, converse so-

Jacob (4/1/1785) e **Wilhelm Grimm** (24/2/1786), os **Irmãos Grimm**, nasceram na Alemanha, estudaram direito, mas se dedicaram à pesquisa e ao estudo da língua. Para preservar as histórias tradicionais do seu povo, escreviam as narrativas que ouviam de parentes, amigos e camponeses; assim, reuniram grande quantidade de contos e lendas populares. Os primeiros contos recolhidos pelos Irmãos Grimm foram publicados em 1812. A obra chamava-se *Histórias das crianças e do lar* e apresentava 51 contos. Os textos por eles publicados espalharam-se logo pelo mundo, ganharam outras versões e fascinaram pessoas de diferentes línguas e culturas.

bre o autor, época, finalidade do texto, informações que contextualizam a obra, estreitando o diálogo do autor com o leitor. Inicie apresentando os autores Jacob e Wilhelm Grimm.

Em seguida, mobilize o conhecimento dos alunos apresentando o título do conto: “O voador”.

O que sugere esse título? Qual será o tema do conto? E a finalidade dessa narrativa: emocionar, divertir, informar, instruir?

É possível, com base no título e no autor, imaginar o cenário, as personagens, a trama do conto? Peça aos alunos que registrem suas hipóteses para que possam compartilhá-las e conferi-las no decorrer da leitura do texto.

O Voador

Irmãos Grimm

Era uma vez um lenhador que, entrando em uma floresta para caçar, ouviu um choro de criança. Aproximou-se do lugar de onde vinha o som, avistou, no alto de um pinheiro, uma criancinha que para lá fora levada por uma ave de rapina, que a arrancara dos braços da mãe, que adormecera debaixo da árvore.

O lenhador subiu na árvore e salvou a criança. Ao constatar que era um menino, decidiu levá-lo para casa e criá-lo, junto com sua filhinha Nina.

O menino foi chamado Voador, já que fora encontrado no alto de uma árvore.

Voador e Nina gostavam tanto um do outro, que se entristeciam quando tinham de se separar.

O lenhador tinha uma cozinheira que todas as tardes pegava dois jarros e ia buscar água, e não ia uma só vez, mas muitas vezes, ao poço. Nina teve curiosidade e perguntou à cozinheira, que se chamava Morgana:

— Por que trazes tanta água?

— Eu lhe direi, se prometeres não contar a ninguém — disse Morgana.

Ela prometeu não contar, e a cozinheira disse:

— Amanhã bem cedo, vou ferver a água toda que eu trouxer, em um jarro muito grande, e jogar Voador dentro.

Na manhã seguinte, o lenhador saiu bem cedo, deixando as crianças ainda na cama. E Nina disse a Voador:

— Se nunca me deixares, eu também nunca te deixarei.

— Nem agora nem em tempo algum te deixarei — replicou Voador.

— Vou dizer-te então — falou Nina. — Ontem, vendo a velha Morgana trazer para casa muitos jarros de água, perguntei-lhe por que estava fazendo aquilo, e ela, depois de me fazer prometer que não contaria a ninguém, disse que hoje cedo ferveria água suficiente para encher uma grande tina e jogaria você dentro da tina com água fervendo. Mas nós vamos nos levantar rápido, vestirmos e sairmos daqui juntos.

E assim o fizeram. Quando a água estava fervendo, a cozinheira foi ao quarto procurar Voador para jogá-lo dentro da tina com água fervendo, e não o encontrando, assim como Nina, ficou alarmada, perguntando a si mesma: “O que farei quando meu patrão voltar para casa e descobrir que as crianças saíram? Tenho de mandar alguém imediatamente atrás delas”.

Deu ordem, então, a três criados de saírem em perseguição às crianças e trazê-las de volta. Elas estavam descansando e, quando viram de longe os três criados correndo, Nina disse a Voador:

— Se nunca me deixares, eu também não te deixarei.

— Nem agora nem em tempo algum te deixarei. — replicou Voador.

— Vais virar uma roseira e eu a rosa da roseira — decidiu Nina.

Quando os três criados chegaram à floresta, não viram nem sinal das crianças, apenas uma roseira com uma rosa. Certos de que nada se poderia fazer ali, os criados voltaram para casa e anunciaram o fracasso, explicando que nada mais tinham visto de novidade, a não ser uma roseira com uma rosa:

— Idiotas! — exclamou a cozinheira, furiosa. — Deveríeis ter cortado a roseira, colhido a rosa e trazido para cá. Ide fazer isso, imediatamente.

Os criados chegaram à floresta, mas as crianças os viram de longe. Nina disse então:

— Se nunca me deixares, eu também jamais te deixarei.

— Nem agora nem em tempo algum te deixarei — replicou o Voador.

— Então, vais virar uma igreja e eu o candelabro da igreja.

Assim foi feito, de modo que, quando os três criados lá chegaram, coisa alguma encontraram, a não ser a igreja com um candelabro. Voltaram para junto da cozinheira para se desculparem, dizendo então que só haviam encontrado uma igreja com um candelabro.

Idiotas! — esbravejou a cozinheira. — Por que não derrubastes a igreja e trouxestes o candelabro?

Então a cozinheira dispensou os três criados e assumiu a perseguição aos fugitivos. Estes, porém, avistaram de longe a aproximação de Morgana. Nina, mais uma vez, disse a Voador:

— Se nunca me deixares, eu também não te deixarei.

— Nem agora nem em tempo algum te deixarei — replicou Voador.

— Serás uma lagoa e eu serei um pato nadando nela — disse a menina.

E de fato assim aconteceu.

A cozinheira não tardou a chegar e, quando viu a lagoa, deitou-se junto dela para saciar a sede que o calor e a caminhada haviam provocado.

Então, o pato pousou em sua cabeça e com fortes bicadas empurrou-a para dentro da água, até que a velha Morgana se afogou.

As crianças voltaram para casa, satisfeitíssimas, e assim continuaram, e, se ainda não morreram, estão vivas até hoje.

Adaptação do conto
“O Voador”, dos Irmãos Grimm.



Outro conto...

Antes de iniciar a leitura, pergunte aos alunos se eles conhecem o escritor Luis Fernando Veríssimo ou se já leram algum texto escrito por ele. Ouça o que a turma tem a dizer e complemente com mais informações sobre o autor.

Apresente o título do conto: “O diamante”. Instigue os alunos a pensar sobre o que esse título sugere. Do que vai tratar esse conto?

Luis Fernando Veríssimo nasceu em 26 de setembro de 1936 em Porto Alegre (RS). É conhecido por seus contos e crônicas de humor, publicadas diariamente em vários jornais brasileiros. Veríssimo é também cartunista, tradutor, além de roteirista de televisão, autor de teatro e romancista. Já foi publicitário e *copydesk* de jornal. É ainda músico, tendo tocado saxofone em alguns conjuntos.

Com mais de sessenta títulos publicados, é um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. É filho do também escritor Érico Veríssimo.

Acesse <<http://litteral.terra.com.br/verissimo>> e saiba mais sobre a vida e a obra do escritor

Leia o conto para a classe. Em seguida, divida os alunos em pequenos grupos e lance algumas questões para aquecer a conversa sobre a narrativa.

Vocês gostaram do texto? Por quê? O título é adequado? Por quê? Que palavras causam estranheza? Foi preciso recorrer ao dicionário ou a leitura deu conta de resolver? Quem narra? De que jeito? O narrador participa da história como protagonista? Ou tem função meramente narrativa?

Alguém já viveu ou conheceu alguma situação parecida com a da personagem Maria? Isso acontece apenas em ficção?

O que vocês acham do desfecho do conto? Vocês poderiam escrever um desfecho diferente?

O diamante

Luis Fernando Veríssimo

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste. — O que foi? — perguntou a mãe de Maria.

Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy¹ e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.

A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

— Nada — disse Maria.

A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada. Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:

— Melhor nem falar com ela...

Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum.

Na mesa de jantar, Maria de repente falou:

— Eu não valo nada.

O pai de Maria disse:

— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valo nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você *valhe* muito. Quer dizer, vale muito.

— Não valho.

— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.

1. Snoopy é o nome de uma personagem de história em quadrinhos, criada pelo americano Charles Schulz. É um cachorro inteligente, que gosta de ficar deitado no telhado de sua casinha, mas acompanha as crianças em tudo, como se fosse gente. Faz parte da turma do Charlie Brown.

Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.

— Só na minha aula tem sete Marias!

— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.

— Maria — disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?

— Porque é bonito.

— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?

— Por quê?

— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.

— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.

— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.

— Só na minha aula são sete.

— Mas são outras Marias.

— São iguais a mim. Dois olhos, um nariz...

— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.

— É...

— Você já se deu conta de que em todo o mundo só existe uma você?

— Mas, pai...

— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesma, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.

— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.

— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...

Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy

— Sabe um diamante?

O santinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

mais outro conto...

Converse com o grupo sobre o autor Malba Tahan e pergunte se já leram algum livro desse autor.

Em seguida, apresente o título do conto “Uma fábula sobre a fábula” e pergunte: O que sugere esse título? O que é uma fábula? Quais fábulas conhecem? Que personagens fazem parte dessas narrativas? Conhecem o povo e a cultura árabe?

Reserve um tempo para que os alunos possam compartilhar suas opiniões e conferi-las no decorrer da leitura do conto.

Júlio César de Mello e Souza – Rio de Janeiro (RJ), 6/5/1895 – Recife (PE), 17/5/1974. Exímio contador de histórias, o escritor árabe celebrou-se como **Malba Tahan**, nasceu na aldeia de Muzalit, península Arábica, perto da cidade de Meca, um dos lugares santos da religião muçulmana, o islamismo. Na verdade, essa personagem nunca existiu; tratava-se de um pseudônimo do inventivo escritor e matemático Júlio César de Mello e Souza. O nome Tahan foi tirado do sobrenome de uma de suas alunas (Maria Zachsuk Tahan) e significa “moleiro”. O nome Malba significaria oásis. Publicou inúmeros livros *Minha vida querida*, *Mil histórias sem fim*, *Lendas do deserto*, entre outros. Mas o mais conhecido é *O homem que calculava*, uma coleção de problemas e curiosidades matemáticas, apresentadas sob a forma de narrativa de aventuras de um calculista persa à maneira dos contos de *Mil e uma noites*.

Uma fábula sobre a fábula

Malba Tahan

Allahur Akbar! Allahur Akbar! (Deus é Grande).

Quando Deus criou a mulher, criou também a fantasia. Um dia, a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Envoltas as lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas.

Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou a Verdade! — respondeu ela, com voz firme. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid.

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, apressou-se em levar a nova ao grão-vizir:

— Senhor — disse, inclinando-se humilde —, uma mulher desconhecida, quase nua, quer falar ao nosso soberano, o sultão Harum Al-Raschid, Príncipe dos Crentes.

— Como se chama?

— Chama-se a Verdade!

— A Verdade! — exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. — A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe que uma mulher nua, despu-dorada, não entra aqui!

Voltou o chefe dos guardas com o recado do grão-vizir e disse à Verdade:

— Não podes entrar, minha filha. A tua nudez iria ofender o nosso califa. Com ares impudicos não poderás ir à presença do Príncipe dos Crentes, o nosso glorioso sultão Harum Al-Raschid. Volta, pois, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou muito triste a Verdade, e afastou-se lentamente do grande palácio do magnânimo sultão Harum Al-Raschid, cujas portas se fecharam à diáfana formosura!

Mas. Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também a obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras muçulmanas.

Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe.

— Quem és?

— Sou a Acusação! — respondeu ela, em tom severo. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Comendador dos Crentes.

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu a entender-se com o grão-vizir.

— Senhor — disse, inclinando-se humilde —, uma mulher desconhecida, o corpo envolto em grosseiras peles, deseja falar ao nosso soberano, o sultão Harum Al-Raschid.

— Como se chama?

— A Acusação!

— A Acusação? — repetiu o grão-vizir, aterrorizado. — A Acusação quer entrar neste palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Diz-lhe que uma mulher, sob vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor.

Voltou o chefe dos guardas com a proibição do grão-vizir e disse à Verdade:

— Não podes entrar, minha filha. Com essas vestes grosseiras, próprias de um beduíno rude e pobre, não poderás falar ao nosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid. Volta, pois, em paz, pelos caminhos de Allah.

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou ainda mais triste a Verdade e afastou-se vagarosamente do grande palácio do poderoso Harum Al-Raschid, cuja cúpula cintilava aos últimos clarões do sol poente.

Mas. Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também o capricho.

E a Verdade entrou-se do vivo desejo de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harum Al-Raschid.

Vestiu-se com riquíssimos trajes, cobriu-se com joias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos árabes.

Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

— Quem és?



— Sou a Fábula — respondeu ela, em tom meigo e mavioso. — Quero falar ao vosso amo e senhor, o generoso sultão Harum Al-Raschid.

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu, radiante, a falar com o grão-vizir.

— Senhor — disse, inclinando-se, humilde —, uma linda e encantadora mulher, vestida como uma princesa, solicita audiência de nosso amo e senhor, o sultão Harum Al-Raschid.

— Como se chama?

— Se chama Fábula!

— A Fábula! — exclamou o grão-vizir, cheio de alegria. — A Fábula quer entrar neste palácio! Allah seja louvado! Que entre! Bem-vinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes. Quero que a Fábula tenha, neste palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha!

E abertas de par em par as portas do grande palácio de Bagdá, a formosa peregrina entrou.

E foi assim, sob o aspecto da Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso califa de Bagdá, o sultão Harum Al-Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande império muçulmano.

Minha vida querida. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, pp. 93-98.

Glossário

Beduíno: árabe do deserto. Indivíduo selvagem, intratável, brutal.

Califa: título do soberano muçulmano.

Diáfana: que permite a passagem da luz; transparente, límpida. Muito magra.

Grão-vizir: o primeiro-ministro do Império Otomano.

Impudico: impudente. Que revela ou sugere falta de pudor, cinismo, impureza.

Magnânimo: que tem grandeza na alma; generoso, liberal. Próprio de alma nobre e generosa.

Mavioso: afável, afetuoso, terno. Piedoso, compassivo. Brando, suave, doce, harmonioso.

Muçulmano: islamita, mouro, seguidor da doutrina pregada por Maomé.

Obstinação: persistência, tenacidade, perseverança, teima, birra.

Ramadã: nono mês, de trinta dias do calendário islâmico, durante o qual os muçulmanos devem jejuar do levantar ao por do sol, é um tempo de renovação da fé.

Sultão: antigo título do imperador da Turquia; senhor absoluto. Príncipe de grande poder.

Zagal: Pastor, apascentador de gado; pegureiro. Ajudante ou subalterno em uma fazenda de gado. Rapaz de compleição vigorosa, robusta.

Finalizada a leitura, organize os alunos em duplas. Peça-lhes que leiam silenciosamente o texto. Se eles tiverem dificuldade de compreensão do sentido de algumas palavras, oriente-os a consultar o glossário.

A seguir, proponha que as duplas respondam às questões:

- ✓ O que vocês sabem sobre a verdade?
E o que diz o grão-vizir sobre a verdade?
- ✓ E a acusação, o que vocês têm a dizer sobre ela?
E o que o sultão fala sobre a acusação?
- ✓ Quem conseguiu autorização do grão-vizir para entrar no palácio?
Por quê?
- ✓ O que as três personagens que tentaram entrar no palácio têm em comum?

Medo de quê?

Identifique os elementos que constroem a narrativa

Divida os alunos em pequenos grupos. Diga-lhes que vão ouvir um conto de Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Converse com eles sobre a grande poeta e contista goiana.

Verifique se os alunos sabem a importância de um título de livro ou de história. Explique-lhes que o título pode fisgar, atrair o leitor para a leitura, ajudá-lo a levantar hipóteses, intuir sentidos, evocar outros textos de seu repertório.

Leia para os alunos o título do conto: “Medo”. Peça a cada grupo que faça uma lista das emoções, sentimentos, impressões que essa palavra desperta: susto, pavor, temor, receio, horror, ameaça. A seguir, proponha aos grupos que prevejam acontecimentos, fatos, ações,

personagens da narrativa. Vale lembrar que o objetivo dessas antecipações é envolver os alunos, trazendo o contexto da história a ser lida e ajudando-os a compreender seu sentido.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – Goiás (GO), 1889; Goiânia (GO), 1985]. Poeta, contista e cronista. Impedida de frequentar regularmente a escola, descobriu a literatura lendo os almanaques encontrados em sua casa. Publicou seus primeiros poemas no jornal *O Paiz*, em 1910, e adotou o pseudônimo **Cora Coralina**. Mudou-se para Jaboicabal (SP), onde permaneceu até meados da década de 1920, e depois se transferiu para a cidade de São Paulo. Nesse período publicou artigos no jornal *O Democrata*, no periódico *Notícia Goiana* e colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo*. No ano de 1936, conheceu o editor José Olympio (1902-1990) e passou a trabalhar como vendedora de livros da editora dele. Nessa mesma época foi para Penápolis (SP) e trabalhou como colaboradora no jornal *O Penapolense*. Posteriormente instalou-se na cidade de Andradina (SP) e publicou artigos e poesias no *Jornal da Região*. Em 1954 mudou-se novamente para a cidade de Goiás e apresentou seus poemas para Antonio Olavo Pereira (1913-1993), representante da Editora José Olympio em São Paulo, que, em 1965, publicou o livro de estréia de Cora, *Poemas dos becos de Goiás e outras histórias mais*.

Medo

Cora Coralina

Viajava uma jardineira, expresso ou perua, como se diz, de Goiânia para Goiânia [...]. Levava na coberta, entre malas e trouxas, um caixão vazio de defunto, destinado para uma pessoa falecida naquele distrito.

Logo adiante na estrada, um homem parado, dá sinal e a perua para.



Dentro, tudo cheio. O homem que precisava seguir viagem aceitou de viajar na coberta com os volumes e o caixão vazio. Subiu. O tempo tinha se fechado para chuva e logo começou a pingar grosso. O sujeito em cima achou que não seria nada de mais ele entrar dentro do caixão e ali se defender da chuva. Pensou e melhor fez. Entrou, espichou bem as pernas, ajeitou a cabeça na almofadinha que ia dentro, puxou a tampa e, bem confortado, ouvia a chuva cair.

Mais adiante, dois outros esperavam condução. Deram sinal e a perua parou de novo; os homens subiram a escadinha e se acoraram no alto. Iam conversando e molhados com a chuva fina e insistente.

Passado algum tempo o que ia resguardado escutando a conversa ali em cima levantou devagarinho a tampa do caixão e perguntou de dentro, só isto: "*Companheiro, será que a chuva já passou?*". Foi um salto só que os dois embobados fizeram correndo. Um quebrou a perna, o outro partiu braços e costelas e ficaram ambos estatelados do susto e sem fala, na estrada.

Deixa que eu conto. 1ª ed. São Paulo: Global, 2003.
Coleção Literatura em minha casa, v. 2. Conto. Vários autores.

Anote em um cartaz ou no quadro-negro as ideias destacadas pelo grupo. Ouça o CD ou leia o conto em voz alta, realçando as vozes do narrador da história e da personagem. Anime a classe fazendo perguntas que se relacionem com os registros iniciais, para compará-los com o enredo do conto lido:

- ✓ Quem narra os fatos? E quem participa do conto?
- ✓ Observe os verbos empregados pelo narrador.
Em que pessoa estão as formas verbais?
- ✓ Como as personagens são caracterizadas?
- ✓ Onde e quando se passam os fatos?
Que palavras o autor usa para descrever o ambiente onde vai se desenrolar a narrativa?
- ✓ Que recursos ele usa para criar suspense, incutir um clima de temor no leitor?
- ✓ Há algum fato que causa maior tensão na história? Qual?
- ✓ Se você fosse o autor, como você escreveria esse momento de complicação que provoca mudança no rumo do conto?
- ✓ Como é o desfecho? Traz solução ao conflito?
Ou o final é aberto para que o leitor faça a conclusão dele?

Um conto, duas versões

Analisar diferentes versões de um mesmo conto

Inicie perguntando aos alunos se já ouviram ou leram diferentes versões sobre um mesmo fato, acontecimento, conto. Ouça o que o grupo tem a dizer sobre esse assunto. Informe a eles que os contos estão presentes em todas as sociedades; ultrapassam fronteiras, épocas, e, por onde passam, sofrem adaptações, ganham marcas da cultura de cada povo.

Organize os alunos em círculo para facilitar a interação. Apresente as duas versões populares do conto A Gata Borralheira: “Bicho

de Palha” e “Capa de Junco”. Esclareça que o conto “Bicho de Palha” faz parte da tradição oral do Rio Grande do Norte e foi escrito por Luís da Câmara Cascudo em 1956, que o conheceu por intermédio de sua esposa Dhalia Câmara Cascudo, que, quando criança, costumava ouvi-lo de sua babá. Já a versão do conto “Capa de Junco” é de origem inglesa. Informe que há também uma terceira versão – “Pele de Asno” –, escrita pelo francês Charles Perrault em 1694.

Bicho de Palha

Bicho de Palha era o apelido dado a Maria pelos criados com quem ela trabalhava no palácio de um príncipe elegante e muito bonito. Ninguém sabia quem ela era realmente e de onde viera e por que saíra de sua casa. Chamavam-na assim porque ela vivia coberta por uma capa de palha trançada, que lhe deixava à mostra somente os olhos. No palácio real, ela limpava os aposentos e os banheiros dos criados. A jovem vivia calada, pouco conversava com as pessoas com quem convivia. Mas amava, a distância, o príncipe. E, como era trabalhadeira e não se importava com a vida alheia, deixavam-na ficar assim, anônima.

Mas o que ninguém sabia era que Maria, este era o verdadeiro nome de Bicho de Palha, era filha de um rico comerciante que se casara novamente com uma viúva que também tinha uma filha da mesma idade da enteada. E, para escapar dos maus-tratos da madrasta, a jovem enteada resolveu fugir de casa. Antes, porém, seguindo o conselho de uma velhinha de feições muito bondosa e serena, com quem se encontrava sempre que ia lavar roupas no rio, ela fez uma capa de palha trançada, cobriu-se com ela, apanhou umas poucas roupas, fez uma trouxa com essas, pegou a varinha de condão que a bondosa senhora lhe deu, para ser usada em caso de muita necessidade, e foi-se para o outro lado da cidade, onde estava o palácio do príncipe. Como lá precisavam de alguém para limpar os aposentos e banheiros dos criados, foi logo empregada. Lá, como já se informou, ganhou o apelido de “Bicho de Palha”.

Um dia, o príncipe, que já estava em idade de casar-se, resolveu, de comum acordo com a rainha sua mãe, dar, durante três noites seguidas, um grande baile. Na última noite, escolheria, entre as jovens presentes, sua futura esposa. Assim sendo, todas as jovens do reino, sem distinção de classe social, foram convidadas.

A notícia agitou todos os moradores da redondeza, principalmente as jovens casadoiras. Não foi diferente com as que trabalhavam no palácio do príncipe. Apenas Bicho de Palha mantinha-se quieta e indiferente no seu canto.

O dia do grande baile chegou, com muita movimentação e expectativa por parte de todos. As outras criadas, bem antes do pôr do sol, já se haviam retirado para seus aposentos para se prepararem para a festa. Somente Bicho de



Palha ficou disponível para servir ao príncipe. Ele lhe pediu que lhe trouxesse uma bacia com água, a fim de banhar-se e vestir-se para o baile.

Mal o jovem saiu, Bicho de Palha pegou a varinha de condão que a bondosa velhinha lhe dera, quando saiu da casa do pai, e, comandando-a como a senhora lhe instruíra, pediu-lhe que lhe desse um vestido cor do campo com todas as suas flores. Bem vestida e calçada, foi ao baile em uma vistosa carruagem. Sabia que o encantamento terminaria à meia-noite em ponto. Portanto, não poderia atrasar-se para retornar aos seus aposentos.

O príncipe, mal a viu, apaixonou-se, pois não havia moça mais bonita e mais bem vestida que ela. Quando ele lhe perguntou onde morava, ela lhe respondeu: “Moro na Rua das Bacias”. E assim foram as outras duas noites restantes: na segunda, ao preparar-se para a festa, o príncipe pediu a Bicho de Palha que lhe levasse uma toalha, e, na terceira e última noite, um pente. E ela compareceu aos bailes, cada noite com um vestido diferente. E a cada uma dessas o príncipe lhe perguntava onde morava. E ela lhe respondia: “Moro na Rua das Toalhas” (segunda noite do baile) e: “Moro na Rua dos Pentes” (terceira noite).

Na terceira e última noite, atrasou-se alguns segundos para sair da festa, e, na pressa, perdeu um dos sapatinhos de cristal. Um dos criados do príncipe o achou e o levou a Sua Alteza, que imediatamente ordenou que procurassem a misteriosa dona do sapatinho por todo o reino e região.

Finalmente, Bicho de Palha foi encontrada exatamente no palácio do príncipe. Sua identidade foi revelada, e ela se casou com o seu amado. E a varinha de condão, cumprida sua missão, voou para o Céu, para a bondosa velhinha de feições meigas, que era Nossa Senhora, a madrinha e protetora de Maria.

Luís da Câmara Cascudo. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global.

Capa de Junco

Cordélia era uma jovem que trabalhava como ajudante de cozinha em uma rica mansão. Por estar sempre vestida com uma capa de junco trançado, que lhe deixava à mostra apenas os olhos, seus amigos a chamavam de Capa de Junco. O que ninguém sabia é que ela era filha de um senhor muito rico que morava com suas três herdeiras em um dos países vizinhos. Amava a todas, mas sua preferida era a terceira, o que provocava o ciúme da mais velha e o da segunda. Certo dia, Capa de Junco, foi expulsa de casa pelo próprio pai, que a julgara desnaturada e sem coração, quando ele, querendo dividir seus bens entre as três filhas e desejando deixar a maior parte àquela que o amasse mais que as duas outras, fez a cada uma delas esta pergunta: “O quanto você gosta de mim, minha querida?”. Como Cordélia lhe respondeu que o amava tanto como a carne fresca ama o sal, o ancião sentiu-se desprezado pela caçula, amaldiçoando-a, e colocou-a dali para fora.

Triste e lamentando o modo como o pai interpretara suas palavras, a jovem partiu trajando três dos seus vestidos mais belos, um sobre o outro, e com suas joias mais valiosas, mas tendo o cuidado de cobrir-se com uma capa feita de junco trançado, para não chamar a atenção e não ser reconhecida por ninguém. E assim estranhamente vestida e disfarçada foi até um dos reinos vizinhos, onde logo arrumou serviço como ajudante de cozinha em uma mansão de um rico senhor, pai de um rapaz muito bonito e em idade de casar-se. Ali, ela foi aceita como empregada encarregada de preparar as refeições e arrumar a cozinha.

Da janela da cozinha da mansão, via o jovem seu patrão, que não lhe dava a mínima atenção. Ela era somente uma das suas criadas. Aos poucos, Capa de Junco – sem revelar a ninguém sua verdadeira identidade – foi-se apaixonando pelo jovem rico.



Um dia, a mãe do rapaz decidiu dar uma festa na mansão. Seriam três dias de danças e banquetes. Todos os reis e pessoas influentes daquela localidade e dos países vizinhos foram convidados. O jovem, que já estava em idade de casar-se, deveria escolher, entre as moças presentes, sua futura esposa.

Toda a mansão se movimentou para a grande festa. Capa de Junco trabalhou muito durante os preparativos para os três dias de baile. Mas havia decidido participar das festas. Assim, quando, na primeira noite de baile, terminou suas tarefas na cozinha, rapidamente se dirigiu aos seus aposentos, banhou-se e escolheu um dos vestidos que levava quando deixou a casa paterna. Com ele, com algumas de suas joias e com um diadema nos cabelos, ninguém a reconheceria como Capa de Junco.

Logo que chegou ao baile, atraiu a atenção do jovem patrão, que dançou com ela a noite toda. O rapaz estava encantado com a misteriosa dama que, antes da última badalada da meia-noite, desapareceu como que por encanto.

Inutilmente o jovem procurou pela encantadora jovem com quem dançara na noite anterior. Por melhor que a descrevesse, ninguém sabia dar-lhe notícias dela.

Nas duas noites seguintes, os fatos sucederam-se como os do primeiro baile: Capa de Junco esperou todos se dirigirem ao salão de festas e, ficando sozinha, foi para os seus aposentos, onde se arrumou e dirigiu-se, em seguida, para o salão. Deslumbrante, como sempre!

Na última contradança do terceiro e último baile programado, o jovem deu-lhe de presente um anel de brilhantes e lhe disse que “morreria se não a visse novamente”.

No dia seguinte, em vão o rapaz procurou pela misteriosa jovem, mas nem sinal dela! Ninguém sabia quem era e nem onde morava. Amargurado, o jovem foi se deixando abater até cair enfermo. Inutilmente, seu pai e seus amigos faziam de tudo para erguer-lhe o ânimo. Nada conseguia devolver-lhe a vontade de viver. E o rapaz se tornava, a cada dia, mais deprimido. Um dia pediu que a cozinheira preparasse um mingau para o filho que se encontrava bastante debilitado. Capa de Junco, que estava na cozinha, ouviu o pedido e insistiu com a cozinheira para que a deixasse fazê-lo. Preparou-o e ao colocá-lo no prato deixou cair o anel de brilhantes que o jovem lhe dera. Quando o rapaz foi comer o mingau engasgou-se com o anel. Logo reconheceu-o como o que havia dado à misteriosa jovem por quem se apaixonara. Ordenou, então, que chamassem a cozinheira, e esta, com medo de ser castigada, contou-lhe que o mingau fora feito por Capa de Junco, a moça que a ajudava na cozinha. Radiante, o rapaz mandou que Capa de Junco fosse à sua presença. Ela atendeu ao chamado, mas, antes, vestiu-se como na terceira noite de baile e colocou a capa por cima.

Na presença do rapaz e da mãe dele, esclareceu-lhes quase tudo, menos o nome de seu pai. Foi marcado, então, o dia do casamento. Todos os nobres e pessoas abastadas das cidades vizinhas foram convidados. Também o pai de Capa de Junco.

Chegou o dia das bodas. Por solicitação de Capa de Junco, as carnes que seriam servidas durante o banquete não foram temperadas com sal. A cozinheira estranhou muito esse pedido e esse costume, mas, como, dali para a frente, Capa de Junco seria sua patroa, calou-se e fez como ela lhe pedira.

Durante o banquete, ao serem servidas as carnes, ninguém conseguia comê-las: estavam insípidas, sem sabor. Muito aborrecido, o rapaz e o pai dele queriam castigar a cozinheira, mas Capa de Junco assumiu a culpa e confessou que a empregada assim agira por ordem dela. Enquanto falava, lágrimas rolavam dos olhos daquele que era seu pai.

Quando o rapaz perguntou ao rico senhor por que chorava tanto, ele lhe respondeu que era de saudade e remorso pelo que fizera à sua filha caçula. Ele a expulsara de casa porque ela lhe respondera que o amava tanto quanto a carne fresca ama o sal. E ele, julgando-a ingrata e sem amor filial no coração, cometera o erro de mandá-la embora. Somente agora compreendia o significado daquela comparação feita pela filha, mas, tarde demais, porque, talvez, ela já estivesse morta.

Capa de Junco, então, penalizada com o sofrimento do pai, abraçou-o e revelou ser a filha que ele julgava ter perdido. Perdoou-o, e todos foram felizes para sempre.

Adaptação de um conto do folclore inglês.

Peça aos alunos que leiam silenciosamente as duas versões. Proponha-lhes algumas perguntas que os ajudem a conhecer os contos:

- ✓ Quais são as personagens principais?
- ✓ O que acontece na história?
- ✓ Em que tempo e lugar se passa a história narrada?
- ✓ De quem o autor está falando?
- ✓ Compare as narrativas, destacando as semelhanças e diferenças (personagens, ambiente, enredo, complicação, desfecho) entre os contos.

Depois dessa análise, prepare um quadro com a síntese do que foi observado. Esta é apenas uma sugestão. Você, por certo, vai encontrar sua própria forma de organizar essas informações.

SEMELHANÇAS

Nas duas versões do conto há um narrador-observador que sabe de tudo e conta a história.

As protagonistas:

- ✓ São humildes trabalhadoras em um palácio suntuoso.
- ✓ Desconhecem a origem abastada do pai.
- ✓ Saem de casa (fugindo da maldade da madrasta/desentendendo-se com o pai).
- ✓ Usam capas (palha/junco) como disfarce da verdadeira identidade.
- ✓ Seus apelidos (Bicho de Palha e Capa de Junco) dão título aos contos.
- ✓ Embelezam-se e dançam com o príncipe nos três dias do baile.
- ✓ Perdem o encantamento à meia-noite.
- ✓ Têm a verdadeira identidade revelada no desfecho e se casam com o amado príncipe.

DIFERENÇAS

Bicho de Palha

Varinha de condão entregue por uma bondosa senhora veste a personagem.

Destaca o local de moradia: Rua da Bacia; Rua do Pente; Rua das Toalhas (nomes dos objetos que ele havia solicitado à personagem).

Sapatinho de cristal.

No desfecho do Bicho de Palha a varinha de condão volta ao céu e encontra “Nossa Senhora”, madrinha e protetora da protagonista.

Capa de Junco

Usa os vestidos trazidos de sua casa.

Não há detalhes sobre a mansão onde mora o príncipe.

Anel de brilhante.

O príncipe adocece por não encontrar Capa de Junco, que prepara o mingau que restabelece a saúde do príncipe.

CONTOS PARA “REPASSAR” O TEMPO

Jorge Miguel Marinho

“Fabular é preciso existir não é preciso”

Eu gosto demais da palavra “fabulação”¹, não apenas pelo meu ofício de escritor que, como todos os outros escritores, vive fabulando ou contando histórias para dar mais sentido à vida – nosso tema constante e maior –, mas também porque fabular, registrando, criando ou mesmo lendo narrativas para os outros, é uma maneira de ser muito particular e especial da existência humana, desde o seu passado mais remoto, quando o homem sentiu a necessidade de inventar e narrar um universo fabulado, buscando preencher os vazios da realidade, decifrar os seus mistérios ou simplesmente celebrar o que a experiência de viver tem de mais vivo, de mais fantástico e de mais real.

“Contar” sempre foi uma tendência natural das pessoas ou dos grupos de extrair do imaginário fatos fabulosos, inventar histórias exemplares ou extraordinárias, fazer ficções, e o conto, na sua forma breve, concisa e concentrada num acontecimento preciso, se tornou um correlato perfeito do sonho ou da fantasia essencial que habita o “sono” e compõe uma feliz junção entre o mundo concreto e o mundo imaginado, a ponto de o professor Antonio Candido afirmar, num ensaio primoroso, que, por esta premência e urgência da “fabulação”, a literatura é um direito de todos².

É exatamente por isso que “fabular” é preciso porque se torna manifestação necessária e tem um norte no tempo da arte e “existir” não é preciso porque acontece ao acaso e nem sempre segue uma rota no tempo da vida.

1. Emprego o termo “fabulação” não só no sentido de contar fábulas, mas também e sobretudo como força do imaginário que está na origem do homem, na fonte da vida, na aventura do conto.

2. Antonio Candido. “Direitos humanos e literatura”, in: *Direitos humanos e...* São Paulo: Brasiliense, 1989.

“Quem conta um conto acerta no ponto”

Se é certo dizer que “quem conta um conto aumenta um ponto” ler e especialmente reler um conto é encontrar o ponto exato para ver e rever a vida – não só a vida individual do leitor que se busca e quer se ver espelhado nessas breves narrativas, mas a história de vida do homem brasileiro representada no período de 150 anos, marcando aqui como início – pelo critério de qualidade expressiva na arte de contar e não apenas pelo valor histórico que remete à publicação de alguns poucos contos anteriores – *A noite na taverna* de Álvares de Azevedo, composto de narrativas que se entrelaçam em clima de desvario e paroxismo sob o signo da morte, tema tão caro ao autor em prosa e poesia.

Como se pode constatar com raro prazer, lendo e relendo essas nossas primeiras histórias ou historietas, a longa trajetória do conto brasileiro já surge com uma voz definida na originalidade macabra desse nosso poeta dos mais românticos, seguida das inúmeras narrativas de Machado de Assis voltadas para a complexidade da alma humana, outras de Aluísio de Azevedo preocupadas em denunciar até o caráter patológico do homem vitimado pela miséria social e tantas outras de Lima Barreto, Alcântara Machado e até Graciliano Ramos, que elege o “desvalido” como herói predestinado a nunca desfrutar o final feliz da história.

Nessa viagem onde a velocidade bem tramada e algo ainda aconchegante do tempo das narrativas se encontra e faz um acordo com a vida cada vez mais rápida dos leitores que se descobrem e se reconhecem numa galeria infinita de personagens, entram em cena Mário de Andrade com o tema da solidariedade e dos encantos e desencontros afetivos, Osman Lins com o sentido tocante da saudade de tempos ainda nem sequer vividos, José J. Veiga com seu lirismo e sentimento de acolhida da raça humana, paradoxalmente

presentes em situações onde o que impera é a estranheza e o absurdo das relações entre as pessoas.

Evoluindo assim, em termos de qualidade estética e volume de produção, o conto brasileiro vai se instaurar, especialmente na modernidade dos anos 1960, enquanto expressão depurada na vocação de ser contista com uma trupe de escritores que experimentam uma enorme variedade de temas e formas de

ver o mundo como é a disciplina do amor e a presença do mistério nas “coisas” mais simples em Lygia Fagundes Telles, a sedução e o espanto do “ser” que vive uma súbita descoberta interior na rotina mais familiar do cotidiano em Clarice Lispector, a solidão e a incomunicação quase como um destino em Carlos Drummond de Andrade, a paixão e a compaixão no exercício de viver e de sobreviver em Fernando Sabino, Ivan Ângelo, Luiz Vilela, a religiosidade com gestos de terno erotismo em Adélia Prado, o grito amorosamente ousado e quase feroz da mulher que cobra face a face o homem impossível e tantos outros contistas que vão do realismo ao fantástico, da denúncia social ao clima de alma, das aventuras e desventuras ao relato poético, do terror das histórias às histórias de amor, do factual ao abstrato, do suspense ao humor.

Por tudo isso e muito mais, não é exagero entender e acolher o conto como memória telegráfica e igualmente “profunda” dos tempos esparsos e mais reveladores da história subjetiva do leitor e dos tempos da história coletiva de um grupo, de uma geografia humana, de um país, pelo seu conforto e precisão centrados na brevidade “enxuta” dos elementos que compõem a explanação envolvente e sensivelmente expressiva de um acontecimento. Como um relâmpago de significações para usar uma imagem justa do ritmo e do traço iluminador dessa peculiar forma narrativa, o conto conta e parece prestar contas, por meio de *flashes* e porções precisas da realidade, do tempo da vida de cada um e do tempo

da arte de todos, nos dois sentidos esprelhando e repassando aos olhos de quem escreve e de quem lê esta nossa matéria tão viva, que talvez seja uma das poucas formas de vivenciar qualquer coisa de absoluto na própria transitoriedade do tempo: ler para guardar na memória e mais do que tudo para “nunca esquecer”.

Pois é esta experiência tão humana que o conto promove, sem nunca ter a presunção de contar dando conta de tudo – o conto apenas se entrega à concisão, à brevidade e à precisão de contar o que fomos, o que estamos sendo e o que podemos ser nos limites e nas transgressões da experiência única de viver.

“O prazer de ser nocauteado por um conto”

É claro que, sendo o encontro entre texto e leitor sempre meio imprevisível e sendo a leitura um acordo ou não das expectativas afetivas de quem lê com as ideias que uma história oferece, para cada pessoa existe o conto bom e o conto ruim, o conto eterno e o passageiro, o conto expressivo e o superficial. Entretanto, inúmeras narrativas curtas têm a força poética de “nocautear” a grande maioria de leitores, como tão certamente o escritor Julio Cortázar pontuou, para situar com a exatidão de crítico intuitivo “essa explosão de energia espiritual que ilumina repentinamente algo que vai muito além da pequena e às vezes banal história que conta”³.

É verdade: um conto – como um relâmpago de memória para insistir um pouco mais nessa imagem – ilumina uma realidade muito mais ampla do que o mundo imediato no que ele tem de previsível e de imprevisível, de esperado e de inesperado, de visível e de invisível, porque ele é incisivo, concentrado, excitante, provocador, “mordente”, lembrando o atributo mais identificador do conto para Cortázar.

Para este escritor único e sensível leitor, o conto não é novela nem noveleta que podem se alongar fazendo digressões ou se dando o direito de ramificar os conflitos – estas outras histórias ganham o leitor por pontos ou fios narrativos; o conto pela concentração de um polo de atenção nortado por um tema preciso, sem nada a mais nem nada a menos, tudo no ponto.

Daí vem o prazer do “nocaute” que, metaforicamente no universo da leitura, quer dizer um “soco” de significações muito bem tramas e amarradas que conquistam o leitor, desde as primeiras linhas, para uma viagem entre a vigília e o devaneio. Mais precisamente o leitor vivencia um tipo de felicidade repentina e espreada de leitura como se estivesse no espaço contido, enquadrado e “maravilhosamente” desafiador de um ringue que se abre para o imaginário de mundos conhecidos e desconhecidos, sendo que este imaginário – exercício feliz do conhecimento – não tem tempo de duração.

3. Julio Cortázar. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 153.

Quando essa iluminação ocorre, e não é raro ocorrer para quem se entrega ao fascínio que a literatura é capaz de exercer em cada um de nós, uma história puxa outra e muitos contos podem surgir e naturalmente se multiplicar para o leitor passar e “repassar” o tempo, feliz e contemplado com a “graça” de ler.

São muitos os nocautes provocados por um conto que conta uma história no ponto, e aqui apenas dá para vislumbrar alguns.

É a dona de casa aparentemente tranquila dentro de um certo desconforto com marido, filhos e “lar” que, voltando das compras de bonde, subitamente vê um cego mascando chicletes e tem, pela primeira vez, a sensação de se ver sendo vista por dentro, o que desencadeia nela uma profunda revolução interior. Não por acaso esse conto se chama “Amor” e é de Clarice Lispector.

Ou é o operário do conto “Primeiro de maio” que ingenuamente acorda bem cedo, toma banho, põe até gravata para celebrar o seu dia e encontra um mundo cerrado e deserto, vigiado por policiais que estão alertas para evitar uma possível manifestação trabalhista, depois algumas aglomerações impessoais e, por fim, este suposto protagonista, do entusiasmo de ser um herói trabalhador, acaba



vivendo o sentido do anonimato, do medo e da solidão. Ou é o poético conto fantástico “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião, onde o narrador acolhe e leva para casa um coelhinho que progressiva e aceleradamente vai se transformando nos mais diferentes bichos, numa tentativa dramática de preservar alguma singularidade num mundo impessoal e automatizado, até virar “uma criança nua e encardida”, revelando a fatalidade de viver numa realidade onde não é mais possível ter algo de original.

São muitos também os focos de atenção e são muitas as visadas de mundo presentes nos contos. É o sentimento instantâneo de ser herói numa viagem de avião em que o narrador recupera a sua força de “homem”, antes algo entediado, amparando uma mulher temerosa pelo voo no conto “Um braço de mulher” de Rubem Braga. É o sentido da opressão e de ser “diferente” num conto fantástico de Julio Cortázar, “Carta a uma senhorita em Paris”, onde acontece de o personagem vomitar coelhinhos, todos eles ternos e lindos no seu mundo segredo e clandestino, mas que acabam levando o narrador a um gesto extremado quando o fato se torna público e ele é condenado precisamente pelo que tem de melhor. É também o sentimento de exílio

voluntário e de desistência do convívio humano de um velho que resolve passar o resto da vida numa canoa que persiste quase imóvel em “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa e, aos olhos sensibilizados e contemplativos do filho, vai definindo sem o menor desejo de retornar. É o tema do amor tocante e sempre indecifrável de Lygia Fagundes Telles, o sentido da obstinação e da paixão extrema em Caio Fernando de Abreu, o humor corrosivo e humanamente insatisfeito diante dos afetos e desafetos daqueles que vivem à margem em quase todos os contos de Dalton Trevisan e de Marcos Rey, a solidariedade poeticamente estranhada daqueles que vivem ensimesmados na implacável solidão e se tornam cúmplices e até amigos na arte de viver e de morrer em “Dois corpos que caem” de João Silvério Trevisan, a descarga poética com rasgos de lirismo muito comungados com a voz da poesia em toda a obra de Mia Couto e aqui especialmente no conto pleno de encanto – “O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial” – em que o personagem confessa e até se compensa da sua miséria pelo fato de “estar doente” como única prova de ainda “estar vivo”, e mais tantas outras histórias que de forma breve, concisa e sempre carregada da mais funda expressividade humana só pensam nas dores, amores, sonhos, lutas, inquietações, ternuras, venturas e desventuras da condição humana e se oferecem como um modo privilegiado de recuperar os tempos individuais e coletivos da vida, felicidade esta tão oportuna para viver e reviver esses nossos tempos de cada dia.

E por fim, para pôr provisoriamente um ponto final neste artigo que acredita na arte de contar como criação imprescindível da arte de viver, vale lembrar que, pela natureza entusiasmada dos contos que é a sua motivação maior de leitura, a memória assimilada dessas breves histórias resulta em matéria utópica, fazendo o leitor acreditar num tempo muito melhor e mais generoso para cada um de nós passar e “repassar” o tempo como um modo cada vez mais significativamente humano de “estar” dentro da arte e dentro da vida.

Jorge Miguel Marinho é professor de literatura, escritor, ator e roteirista. Entre suas obras publicadas citam-se *Te dou a lua amanhã*, prêmio Jabuti; *Na curva das emoções*, prêmio APCA; *O cavaleiro da tristíssima figura*, prêmio HQMIX; *Lis no peito*, prêmio Jabuti.